

## UM HOMEM NO MUNDO DO LIVRO E DA LEITURA

Cláudio DeNipoti<sup>1</sup>

Em 1937, um homem, nascido no Rio de Janeiro 68 anos antes, morreu em Curitiba. A morte encontrou-o vivendo em uma chácara nos arredores da cidade, cercado daquilo que mais cultuou em vida: amigos e livros. De acordo com suas crenças, sua mortalha foi um hábito de linho branco, como aquele que seus colegas “pitagóricos” vestiam em suas reuniões. O cortejo - a seu pedido - circulou por bairros pobres da cidade. Alguns milhares de pessoas acompanharam-no até a cova rasa - outro de seus pedidos - onde foi enterrado.

O prestígio construído e desfrutado por esse homem ficou manifesto na presença maciça da população que o admirava, mas ficou também expresso na imensa quantidade de material impresso deixado por ele e sobre ele, tanto no curso de sua vida quanto até a presente data (este trabalho incluso).

As incontáveis singularidades desse personagem por si só encheram inúmeras páginas de texto, fosse ele biográfico, hagiográfico ou analítico. Sua trajetória interessa aqui menos pela peculiaridade de suas idéias - de resto amplamente compartilhadas por muitos de seus contemporâneos curitibanos - do que pela inserção no mundo do livro que proporcionou tais idéias através da intensa leitura e divulgação que sempre o marcou.

Apesar da notoriedade e do respeito adquiridos no Paraná - e no resto do País - a inserção de Dario Vellozo - este era o nome do personagem - no universo da palavra escrita, deu-se cedo e de forma não tão requintada, pois ele iniciou-se como aprendiz de encadernador no Rio de Janeiro, logo após ter estudado no Liceu de São Cristóvão. Em 1885, ano seguinte a seu aprendizado, tornou-se compositor-tipógrafo na oficina de Moreira Maximino & Cia., também na capital do Império. Iniciando-se nas artes de confeccionar obras impressas, Vellozo antecipava sua total

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Ponta Grossa; Universidade Tuiuti do Paraná.

inserção nesse universo. Esses conhecimentos valeram-lhe uma profissão quando sua família, (pai e irmãos, já que a mãe morrera ainda no Rio) emigrou para Curitiba, pois seu primeiro trabalho, logo após a mudança em agosto de 1885, foi como tipógrafo do jornal *Dezenove de Dezembro*, o primeiro a ser impresso no Estado<sup>2</sup>.

Sua chegada ao novo lar e sua aceitação por parte dos habitantes locais foi, de certa forma, atenuada pelos livros. Vários daqueles que se tornariam seus discípulos ou admiradores admitiram que, a princípio, acharam-no petulante, mas foram vencidos ou pelo maior volume de leituras que trazia em sua formação, ou pela rica biblioteca da casa de seu pai. Foi assim com Ermelino de Leão, que somente ao comparecer a uma reunião na casa de Vellozo, na qual este leu versos de Fagundes Varela para um reduzido grupo, rompeu a rejeição inicial<sup>3</sup>. Foi assim também com Silveira Neto, que referiu-se a ele como um

moço imberbe também, mas não myope, que merecia o nosso respeito pela intelligencia que revelava e nobre afinco ao labor dos livros, sem com tudo merecer a nossa sympathia pessoal. [...] Com [Dario] dáva-me por cortezia [...]<sup>4</sup>

A primeira impressão que os jovens curitibanos tiveram do Dario Vellozo jovem foi desfeita graças, além dos conhecimentos inovadores sobre arte, a uma “maior e mais selecta bibliotheca”<sup>5</sup>, mantida pela família Vellozo, inicialmente, com o pai e os irmãos “no velho casarão, [...] substituído pelo palacete da Camara”, depois de casado, na chácara na qual Vellozo construiu seu “retiro saudoso”<sup>6</sup>. Aquela primeira, no porão da casa, era um local “atopetado de estantes repletas de livros [...] ao centro ostentava-se altiva panóplia, representando uma das características do Dario: o accentuado gosto pela esgrima”<sup>7</sup>. A segunda, foi descrita por Tasso da Silveira:

Num puxado [*do Retiro Saudoso*], a bibliotheca do philosopho, que reúne a mais admiravel collecção de grandes obras de que se possa orgu-

<sup>2</sup> PILOTTO, Erasmo. **Dario Vellozo**; cronologia. Curitiba: Imprimax, 1969.

<sup>3</sup> LEÃO, Ermelino de. Reminiscências. **A Escola V** (1 a 3). Curitiba, jan. a mar./1910, p. 154.

<sup>4</sup> SILVEIRA NETO. O Cenáculo. **Club Coritibano V** (18), Curitiba, 30/nov./1894, p. 2.

<sup>5</sup> LEÃO, **Reminiscências...** p. 155.

<sup>6</sup> Uma chácara, nos arredores de Curitiba, para onde Vellozo se mudou com a família. Lá ele construiu o *Templo das Musas*, no qual funcionou a biblioteca do INP.

<sup>7</sup> SILVEIRA NETO... p. 3

lhar Curitiba. A arte, a sciencia, a philosophia se alinham nas estantes vastas em volumes que o uso e o tempo envelheceram. Aqui e alli, curiosidades raras. Alguma velha edição da Biblia, impressa em caracteres antigos. Sobre alta estante, o “sorriso de Voltaire”, em nítida gravura. Sobre outra, uma cabeça de Christo, levemente inclinada para baixo, em attitude de meditação.<sup>8</sup>

Nesses ambientes, particularmente naquele primeiro, Vellozo reuniu em torno de si um pequeno grupo de jovens interessados em ler e discutir obras de Casimiro de Abreu, Castro Alves, Fagundes Varela, Álvares de Azevedo, entre outros. Mais tarde, as leituras voltaram-se para os escritores como Mallarmé, Baudelaire e Edgar Allan Poe. Os serões literários diários contribuíram para que o pequeno grupo constituísse uma associação - batizada de *Cenáculo* - responsável por diversas publicações periódicas e de livros daqueles em seu círculo de influência. Sintomaticamente, a associação originou-se de um debate travado entre Vellozo e Antônio Braga, na biblioteca do *Club Coritibano*, sobre as poesias daquele primeiro. O grupo, acrescido de Silveira Neto e Lício de Carvalho, passaria boa parte dos anos seguintes lendo a obra uns dos outros, além das obras de Bilac, Zola, Bourget e Luís Murat.<sup>9</sup>

A vida de Dario Vellozo seria marcada por essas atividades de leitura, de escrita, de magistério e, em particular, de editoria. Como editor, as atividades de Vellozo se coadunam. Todo livro lido leva à escrita; todo texto escrito leva-o a ser editor. Vejamos como essas múltiplas facetas se apresentaram, entrecruzando-se, na vida deste homem do passado.

A atividade editorial de Vellozo, iniciada cedo nas oficinas tipográficas do Rio de Janeiro e de Curitiba, aliada às atividades artísticas e intelectuais a que se dedicava assiduamente, levaram-no a engajar-se ativamente na edição e redação de periódicos. Mesmo antes do grupo do *Cenáculo* dedicar-se à publicação de suas próprias revistas, Vellozo já trabalhava como redator (1891), e depois como diretor literário (1894), do *Club Coritibano*, periódico da associação de mesmo nome. A experiência adquirida e a vontade de ter um veículo para divulgar seus próprios escritos (bem como os dos simbolistas que os inspiravam) levaram Vellozo e seus colegas do *Cenáculo* a publicar, entre 1895 e 1897, a revista do mesmo nome como arauto dos ideais artísticos do grupo. Antes disso, em

<sup>8</sup> SILVEIRA, Tasso. **Dario Vellozo**; perfil espiritual. Rio de Janeiro, s./ed., 1921.

<sup>9</sup> **DICIONÁRIO Histórico Biográfico do Estado do Paraná**. Curitiba: Livraria Editora do Chain, 1991. p. 62-63.

1893, eles tentaram publicar a *Revista Azul*, de cunho artístico e literário, voltado preferencialmente às leitoras<sup>10</sup>. A experiência foi interrompida pela Revolução Federalista e retomada após os ânimos locais terem sido acalmados<sup>11</sup>. Antes ainda, em 1886-87, o grupo ensaiara seus dotes com o periódico manuscrito *O mosqueteiro*, em que se apresentavam cognominados como os personagens de Dumas. Em 1889 Vellozo foi redator do jornal do Clube dos Estudantes, *A idéia*.

Vellozo passou a ler, e conseqüentemente defender, idéias ligadas ao esoterismo e ao pitagorismo de Helena Blavatski, E. Schuré, Stanislaw Gwaíta e outros. Em suas próprias palavras, o percurso percorrido foi estritamente intelectual, através da leitura, como um “fio de Ariadne no labirinto dos livros, das bibliothecas, das escolas, das ideias”<sup>12</sup>. Voltando-se para o “neopitagorismo”<sup>13</sup>, fundou e redigiu *A Esphynges* (1899-1906), colaborando quase simultaneamente no *Jerusalém* (1898-1902). Em 1909, ao fundar o Instituto Neo-Pitagórico (INP), publicou uma série de revistas que teriam por objetivo divulgar o instituto e seus propósitos. A primeira, *Ramo de Acácia*, durou de 1909 a 1912. *Myrto e Acácia* a

<sup>10</sup> A revista não tinha “ [...] qualquer compromisso de escola, mas [...] era o resultado dos esforços contra o indiferentismo e uma resposta às necessidades ‘etéreas’ do leitor, aliás, da ‘leitora’”. **DICIONÁRIO Histórico** ..., p. 63. Esse compromisso com “leitoras” tem uma tradição na literatura nacional que enfatiza a leitura como uma forma de lazer socialmente aceitável para as mulheres e na qual obras literárias e artísticas são devotadas às mulheres como leitoras implícitas. Exemplar disso é o agradecimento que Joaquim Manuel de Macedo faz “às senhoras brasileiras” pelo sucesso de seu romance de estréia *A Moreninha*. MACEDO, Joaquim Manuel. **O Moço loiro**. São Paulo: Melhoramentos, s./d., p. 7.

<sup>11</sup> A Revolução Federalista, deflagrada em fins de 1893 no Rio Grande do Sul (e no Rio de Janeiro, com a Revolta da Armada), atingiu o Paraná no início de 1894. Enquanto os revoltosos, vindos do Sul por terra, atacavam a cidade da Lapa, a armada revoltosa invadiu Paranaguá e dirigiu-se em seguida para Curitiba, onde as tropas se encontraram. O Presidente do Estado retirou-se, com as forças de resistência, para Castro, transformando-a em Capital do Estado. ver: **DICIONÁRIO Histórico...** p. 409-412. Curitiba, deixada sem proteção, colaborou com os invasores em troca desses não destruírem a cidade ou molestarem seus habitantes (por esforço do Barão do Serro Azul). Quando as tropas florianistas retomaram a cidade e expulsaram os rebeldes, houve um grande número de prisões, além do fuzilamento, sem julgamento, do Barão e de outros habitantes. Dario Vellozo foi tenente da Guarda Nacional entre 1893 e 1894 e, segundo Tasso da Silveira, era “extremado florianista”. SILVEIRA, Tasso. **Dario Vellozo...**, p. 43.

<sup>12</sup> VELLOZO, Dario (Appolonio de Tyana). **Luz de Krotona**. Curitiba, s./ed., Janeiro de 1913. s./p.

<sup>13</sup> Uma tentativa de síntese entre as múltiplas influências do ocultismo, do simbolismo, da maçonaria e do pensamento de Pitágoras. Incluía, entre suas fontes, nomes como Blavatski, Shuré, Comte, Swedenborg, Esquirós, e outros. Ver: **DICIONÁRIO...** p. 311-18.

substituiu entre 1916 e 1920. Neste último ano é lançada *Pythagoras* e no ano seguinte *Luz de Krotona*. A última publicação periódica do Instituto, ainda sob a direção de Dario Vellozo foi *A lâmpada*, criada em 1931 e publicada até os dias de hoje<sup>14</sup>.

O pensamento de Dario Vellozo revela um complexo jogo de influências, iniciadas com idéias e imagens cristãs presentes em seus primeiros escritos, com o pensamento republicano que fora uma “animadora promessa à juventude brasileira”, e com a melancolia de uma poesia preocupada com o problema da finitude humana<sup>15</sup>. Segundo Marcos Cordioli, “os anos de juventude de Dario Vellozo coincidem com o período de gestação de uma intelectualidade” composta por jovens influenciados fortemente pelos movimentos abolicionista e republicano, e “significativamente apaixonada pela literatura”. A influência iluminista desses movimentos também alimentou o anticlericalismo de toda essa geração, da qual Vellozo é um exemplo completo<sup>16</sup>.

Sua adesão à poesia simbolista<sup>17</sup> levou-o a deslocar a Razão do local privilegiado de “essência da vida” onde fora colocada pelo pensamento positivista, para o espectro da Ciência, racional e não-dogmática. Vellozo buscava, então, na História e na Geografia, a inspiração para seu lirismo poético e sua atuação científica.

Finalmente, sua aproximação com o pensamento esotérico, a partir de fins da década de 1890, levaria a uma tentativa de reelaboração do mundo, buscando novas bases para o relacionamento humano, cuja expressão se dá na organização do INP, no qual se buscava aliar as tradições intelectuais do Ocidente e do Oriente. Ainda segundo Cordioli:

Dario Vellozo, integrado nesta época à Maçonaria, se torna um de seus principais líderes na cidade, conclamando o engajamento na *Missão ci-*

<sup>14</sup> SILVEIRA, Tasso... p. 44; **DICIONÁRIO**,... p.311-318;539-544.

<sup>15</sup> CORDIOLI, Marcos A. **Nos descaminhos de um idílio**. Curitiba: s./ed., s./d. (mimeo), p. 21.

<sup>16</sup> CORDIOLI, **Nos descaminhos**... p. 21.

<sup>17</sup> “Estética pós-romântica, moldada pela Grande Depressão e pela influência da “filosofia da vida” (Nietzsche, Bergson) que a orienta para o antipositivismo, o simbolismo é antes de tudo uma arte sofisticada, marcada por um universo cultural de valores elitistas e aristocráticos. [...] Cabe ressaltar que as fontes esotéricas e ocultas do simbolismo orientam a leitura da teoria das correspondências e contribuem para o interesse pelo mistério, que, para os simbolistas, perde o caráter bizarro que tem entre os decadentistas”. Ver **DICIONÁRIO** ..., p. 454.

*vilizadora*: pela fé, pela liberdade de consciência, pela justiça, pela família, pela fraternização humana.<sup>18</sup>

Outra das principais preocupações de Vellozo era o ensino. Seu trabalho como professor no Ginásio Paranaense a partir de 1899 foi complementado pela função de colaborador, redator ou editor de revistas voltadas ao ensino como *A Escola* (órgão do grêmio dos professores; 1906-1910), *Pátria e Lar* (1912-1913) e *Brazil Civico* (1918-1919). Além de todas essas, Vellozo foi um escritor muito ativo, colaborando com jornais e revistas do Paraná e diversos outros estados do país, durante todo esse período.

Sua atuação editorial, porém, teria uma repercussão ampliada devido principalmente à fama e respeito adquiridos em seu trabalho como professor. No papel de educador, ele pôde aplicar sua vasta erudição em um sentido que lhe era bastante caro, formando em seus alunos verdadeiros discípulos que se constituiriam, com o grupo dos “novos”, em continuadores das preocupações literárias do grupo do *Cenáculo*. Foi no periódico fundado por esses seus alunos, o *Fanal*, que esta admiração ficou expressa, tanto na deferência com que se referiam a Dario, como nas afirmações de que ele os inspirava.

Seus esforços pedagógicos, aliados às suas preocupações com a formação teórica e prática do cidadão, além de seu perfil intelectual, levaram-no a fundar, em 1913, a *Escola Brazil Civico*, na cidade de Rio Negro, ao sul de Curitiba. Dotada de uma biblioteca através da qual “os alumnos [seriam] orientados na vida pratica”<sup>19</sup>, a escola trazia, além das disciplinas teóricas curriculares, cursos profissionalizantes de agricultura, comércio, artes e indústria. Como quando publicou a *Revista Azul*, sua iniciativa foi frustrada pela violência armada. No caso da escola, ela teve que ser removida para Curitiba devido às escaramuças entre o exército e os rebeldes do Contestado<sup>20</sup> antes mesmo de terminar o primeiro ano, que foi também o seu último ano de atividades.

Como leitor, Vellozo assumiria posturas de disseminador de suas próprias leituras, em seu nome ou, mais freqüentemente, em nome do

---

<sup>18</sup> CORDIOLLI, Nos descaminhos... p. 25.

<sup>19</sup> VELLOZO, Dario. Escola Brazil Civico. *Fanal* III (18,19,20), Curitiba, jul./ago./set.1913, p. 338-340.

<sup>20</sup> Zona de litígio entre os estados do Paraná e Santa Catarina, entre 1905 e 1916. Nessa mesma região surgiu um movimento messiânico, reprimido violentamente pelo exército. As escaramuças que obrigaram Vellozo a fechar sua escola foram, provavelmente, aquelas entre os seguidores do “monge” e o exército.

INP, como por exemplo, na recomendação de obras que seriam “de alto pensar, nobre sentir, moral sublime e directriz iniciática”<sup>21</sup>. Ele também recomenda a leitura de uma determinada obra iniciática de Bernardin de Saint-Pierre (*Paolo e Virginea*) que, feita atentamente, poderia elevar “a mente, revelando thezouros moraes e nobres ensinamentos”<sup>22</sup>.

Vellozo foi um escritor quase tão profícuo quanto foi editor e redator de revistas. Desde seus *Primeiros ensaios* do final da década de 1880 até os diversos livros anticlericais e pitagóricos do período que vai aproximadamente de 1905 a 1915, foram quase 30 obras publicadas, entre coletâneas poéticas, polêmicas literárias, contos e romances. Vários de seus livros tiveram diversas edições enquanto ele ainda vivia<sup>23</sup>, particularmente as obras didáticas *Compendio de pedagogia*, editado originalmente em 1907, com uma segunda edição em 1920, e as *Licções de Historia*, cuja primeira edição é de 1902, a segunda de 1904 e a terceira em 1919 (com reedições subseqüentes em 1943, 1944, 1948 e 1949).

O *Compendio* foi escrito como um manual didático para o curso Normal, no qual Vellozo

organizou as licções do primeiro, segundo e do terceiro anno em schemas muito claros, distribuindo e desenvolvendo logicamente todas as matérias [...] desses schemas têm copia todos os alumnos; por eles o lente faz as suas prelecções, tomando notas a lapis os alumnos, que as reproduzem quanto ao fundo, quer por escripto, quer oralmente, em dias determinados”.<sup>24</sup>

Segundo Dario, a confecção da obra foi realizada a partir de obras pedagógicas em uso à época:

Ative-me, entanto, aos nítidos, methodicos e elucidativos estudos de G. Compayre e não só ao *Cours de Pédagogie* como a [outras obras e outros autores].<sup>25</sup>

*Licções de Historia* é uma sucessão de pinceladas sobre a história da humanidade, de acordo com a cronologia clássica, partindo da pré-história até a “idade moderna”. As trinta e oito lições são resumos, em

<sup>21</sup> Portico. **Luz de Krotona III**(1). Curitiba, jan./1925, p. 51.

<sup>22</sup> VELLOZO, Dario (Apolonio de Tyana). Da irradiação pithagorica em Paulo e Virginea de B. de Saint-Pierre. **Myrtho e Acacia I** (2), Curitiba, masr.-maio/1916, p. 112-145.

<sup>23</sup> ver “Obras de Dario Vellozo”, nas referências bibliográficas.

<sup>24</sup> MACEDO, F.R.A. Epistolas pedagogicas II. **A Escola I** (8 e 9). Curitiba, set., out./1906, p. 135-7.

<sup>25</sup> VELLOZO, Dario. **Compendio de Pedagogia**. Curitiba: Livraria Mundial, 1907

poucas páginas, de capítulos da história universal, como as diversas coleções contidas na Biblioteca Pública do Paraná, de Cesare Cantù, Raposo Botelho e Guilherme Oncken. As três primeiras edições traziam impressa a aprovação da “Congregação do Gymnasio Paranaense e Eschola Normal”<sup>26</sup>, que não consta das edições posteriores, feitas postumamente pelo Instituto Neo-Pitagórico<sup>27</sup>.

Os livros didáticos de Dario Vellozo contavam com um público cativo entre os professores de todo o país. Mesmo antes de sua publicação, já se criava uma grande expectativa em torno do *Compêndio de Pedagogia*, que seria “livro utilissimo para o estudo nas Escolas normaes do Brazil e para a leitura constante daquelles que exercem a profissão nobilissima do magisterio”<sup>28</sup>. A obra foi amplamente adotada por professores do Ginásio Paranaense e da Escola Normal. Em conjunto com suas *Licções de Historia*, o *Compêndio* marcava o caráter didático oficial do professor Dario Vellozo<sup>29</sup>.

Seus leitores - que muito freqüentemente eram também seus alunos ou amigos - admiravam-lhe o estilo e a linguagem, principalmente nos poemas do final do século XIX, ainda muito influenciados pelas temáticas do simbolismo. Ele os escrevia como em um “sagrado hymineo de esthetica e de magoas, com a dolorosa paixão de Magdalena ao ver o seo deos no tragico abraço interminavel do madeiro”. Silveira Neto, autor dessas linhas, considerava que na obra em questão (*Esquifes*, Curitiba: Imprensa Paranaense, 1896) Vellozo acentuava “a sua personalidade de cultor da Forma”<sup>30</sup>.

Embora celebrado pelo grupo do *Cenáculo* como uma das obras mais importantes de então, o livro de Vellozo teve pouca repercussão

---

<sup>26</sup> Segundo o Regimento da Instrução Pública do Paraná, os livros adotados para o ensino primário seriam escolhidos por uma Congregação de professores do Ginásio Paranaense e Escola Normal, submetidos à aprovação do Governador, que por sua vez nomearia uma comissão de três professores “para dar juízo critico sobre os livros a adotar-se” e cujo parecer voltaria para a Congregação para debate”. Essa Congregação também dava pareceres sobre obras didáticas a serem editadas ou patrocinadas pelo Governo estadual. (Instrução Publica. **Almanach do Paraná para 1899**, Curityba, 1899, s./p.)

<sup>27</sup> VELLOZO, Dario. **Licções de História**. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1904, 2ª ed.

<sup>28</sup> MACEDO, F.R.A. ...p. 137.

<sup>29</sup> Leitores comuns, que quisessem ler as obras de Dario Vellozo podiam consultá-las - e muitos o fizeram - na Biblioteca Pública do Paraná, que possuía em seu acervo praticamente todos os livros e revistas publicados por ele. Ver: DENIPOTI, Cláudio. **Páginas de prazer**; a sexualidade através da leitura no início do século. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

<sup>30</sup> SILVEIRA NETO, Respigas. **Cenaculo II**(2). Curitiba, 1896, p. 158-60.

depois de seu lançamento. Em 1897, uma resenha de *Esquifes*, publicada pelo *Jornal do Commercio* de Porto Alegre refere-se à obra como:

Um livro que acaba de chegar de Curitiba, sem elogios nem padrinho, desassombradamente firmado por Dario Vellozo [...] o livro incompreendido que anda pelas livrarias, quasi sem leitores, porque não traz o prefacio d'algum Affonso Celso [...]

Esse artigo, reproduzido no *Cenáculo*, serviu de mote para que o grupo reclamasse do silêncio que se fez em torno do livro, um ano após sua publicação<sup>31</sup>. Contudo, esse silêncio não impediu que Vellozo continuasse a ser considerado um escritor capaz de fazer “ressoar a muzica finissima de um lavor de oiro e proclamando, como nós, a Arte pelo Sonho”<sup>32</sup>. Essa consideração se reproduz à medida que Vellozo publica seus trabalhos mais anticlericais e engajados em polêmicas (como a questão indígena, que resultou em *Pelo Aborígene*, de 1911). Seu ataque sobre a ordem jesuíta (*Moral dos Jesuítas*, 1908) provocou as seguintes considerações de Vivaldo Coaracy:

Nessas páginas enfeixadas numa capa de vermelho berrante, como um pendão de guerra que vá accenando ás auras da victoria, bem se reconhece o auctor daquelle formidando Voltaire, pesado, grande d' aço arrojado à face do ultramontanismo. É a mesma rigidez de conceitos, a mesma lógica heril, vasada numa linguagem tersa e vibrante, periodos concisos e verrumantes como elle os sabe fazer, já eo o disse - com um suave aroma de latinismo elegante.<sup>33</sup>

Outras resenhas das obras de Vellozo mostram uma compreensão moralizante de seus trabalhos. Sobre *Da tribuna e da Imprensa*, Herculanino Mariz disse que sua leitura era recomendável porque “é de [autoria de] um devotado á pátria e á humanidade”, e que a obra exigia “largas leituras e commentarios para que se propague como merece”. Sobre *Templo Maçonico*, “Lavoisier” escreveu, em 1909, ser “impossível, na estreiteza d'estas linhas e ainda mais na incompetência de quem as escreve, dar uma pallida idea das bellezas contidas n'esse riquíssimo escrínio”<sup>34</sup>.

<sup>31</sup> MONTARROYOS, Elysio. *Esquifes*. **Cenáculo III** (4). Curitiba, 1897, p. 166-170; Respigas. **Cenáculo III**(4). Curitiba, 1897, p. 187-190.

<sup>32</sup> Ronda da arte. **Pallium I** (2), Curitiba, out./1898, s./p.

<sup>33</sup> COARACY, Vivaldo. Livros. **Ramo de Acácia II**(3 e 4). Curitiba, Jan./Fev., 1909, p. 47.

<sup>34</sup> Lavoisier. Livros e opusculos. **Ramo de Acácia II** (9, 10 e 11). Curitiba, jul-set./ 1909, p. 167.

Contudo, após a criação do Instituto Neo-Pitagórico, Vellozo dedicou-se mais à edição e publicação de obras que propagassem os ideais em torno dos quais o grupo se aglutinava. Além das revistas de divulgação, o ideal pitagórico foi propalado em obras como *Templo Maçônico*, *Da therapeutica occulta*, e *Livro de Alyr*, entre outros. É através do Instituto que podemos ver uma outra faceta de Vellozo ligada ao universo do livro: a da divulgação e circulação. Como líder intelectual e espiritual, Vellozo divulgava listas de obras indicadas para “leitura e meditação” pitagóricas:

Alem das obras indicadas na *Circular II* publicada no *Ramo de Acacia* e anexa ao Breviario do I.N.P., o Instituto lembra aos Pythagoricos a leitura e meditação das seguintes:

Han Ryner - Les Fils du Silence - 1 v.

Ed. Schuré - La Prêtresse d'Isis, 1 v.

Milton - Paraizo perdido, 1 v.

Saint Pierre - Paul et Virginie, 1 v.

[...] <sup>35</sup>

Além disso, Vellozo, através do INP, estimulava a publicação de obras de outros membros do Instituto que, já em seu programa inicial, previa oficinas tipográficas. Muitas dessas obras eram “opusculos e propaganda, gratuitamente distribuidos”, mas, em diversas ocasiões, eram colocadas à venda, fosse a título de assinatura anual, ou de compra antecipada. Em 1916 Vellozo ofereceu, pela quantia de 5\$000, a assinatura da revista *Myrtho e Acacia*, que objetivava divulgar o “methodo e principios geraes do conhecimento [...] ideas que, pelo estudo comparado, permitam das cousas mais perfeito juízo”. Aos que fizessem a assinatura, seria dado um livro a ser escolhido entre *Abutres*, de Roberto Faria, *Pelos Índios [Pelo Aborígene?]*, do próprio Vellozo e de Julio Pernetá, *Voz de Krotona*, de Ísis, *Do retiro saudoso* e *A Cabana Felah*, de Dario Vellozo *lui-même*<sup>36</sup>. Uma oferta semelhante foi feita em 1921, face à edição de um número especial em homenagem ao centenário da independência. Vellozo dirigiu-se aos leitores sob seu pseudônimo pitagórico, mas forneceu seu próprio endereço:

O elevado preço do papel de impressão leva-nos a appelar para vossos sentimentos altruísticos, nas seguintes condições:

<sup>35</sup> Bibliotheca Neo Pithagorica. **Myrto e Acacia I** (1), Curitiba, jan./fev./1916.

<sup>36</sup> **Myrto e Acacia I** (2), Curitiba, mar./maio/1916, p. 84.

Tereis a bondade de auxiliar-nos com a quantia de 10\$000 rs, -- e recebereis 3 das obras edictadas.

Obsequio escolherdes, da relação abaixo, enviando-nos a nota, com a respectiva importancia, e o vosso endereço, --- no mais breve praso possível, afim de calcularmos o numero de exemplares de cada edição.

Antecipamos nossos agradecimentos

somos, com adm. e estima

A. Tyanna.

Endereço: --- Dario Vellozo --- Retiro Saudoso --- Coritiba, ou Caixa Postal -- 175. [...] <sup>37</sup>

A relação incluía várias de suas obras, em conjunto com o número especial da revista e obras genéricas sobre o pitagorismo, vendidas a 5\$000 cada. Essas iniciativas mostram um conhecimento do mercado editorial, adquirido pela vasta experiência como redator, tipógrafo e autor. Embora o pensamento de Dario Vellozo seja somente tangencial neste trabalho<sup>38</sup>, suas leituras e os registros dessas leituras, podem dar conta pelo menos de como ele chegou às idéias que se empenhou tanto, por toda sua vida, em divulgar.

A leitura foi uma das principais características da personalidade de Vellozo. Como líder dos *Mosqueteiros* que se tornariam o grupo do *Cenáculo*, ele lia e ouvia as leituras feitas em conjunto na biblioteca de sua casa, como escritor e professor, era considerado como um “espírito culto, assiduo commensal dos bons livros de lettras e sciencias”<sup>39</sup>. Seu trabalho de inspirar a leitura através do magistério também foi bastante profundo, a ponto de, em vez de romper com a geração anterior em termos literários e estéticos (como era a praxe do fim do século), seus alunos buscaram continuá-la<sup>40</sup>. Não surpreende, portanto, que as reuniões do Instituto Neo-Pitagórico fossem realizadas como sessões públicas de leitura:

Reunião de fevereiro, - dia 13

Presidência de Platão II.

Aberta a reunião, Platão III interpreta ao piano a melodia de Rubinstein.

Pico da Mirandola lê os *Versos de ouro*.

<sup>37</sup> Luz de Krotona I (3). Curitiba, dez./1921, p.255.

<sup>38</sup> Para isso, ver o trabalho de CORDIOLI, Marcos Antonio. O Olhar de um ponto diverso; as gêneses de um idílio: a trajetória de Dario Vellozo. **Boletim do Departamento de História**. Série Monografias 01; Mar./1989. / Projeto: “O viver em uma sociedade urbana - Curitiba, 1890-1920/.

<sup>39</sup> MACEDO, F.R.A...

<sup>40</sup> DICIONÁRIO... p. 151-159.

[...]O presidente explica ter a reunião por fim render preito a Emiliano Pernetta, falecido subitamente a 19 de janeiro, proximo findo, data que assignala o dia natalicio de Augusto Comte. [...]Lê um dos ultimos sonetos do grande poeta.

Hermippo evoca o poeta em paginas emocionaes.

O Dr. Andrade Muricy toca ao piano enlevadora melodia.

O Dr. Leonidas de Loyola accentua, em ponderada pagina, algumas feições do auctor da *Illusão*. [...]

O prof. Veríssimo de Souza pronuncia sinceras phrases de emcomio<sup>41</sup> e lê uma notícia.[...]

A muza da justiça lê o cap. III do *Ramo de Ouro*. [...]

O presidente a todos agradece o comparecimento [...] lê algumas estrophes de Emiliano, e encerra os trabalhos.<sup>42</sup>

Dario Vellozo estava envolvido no mundo do livro, não somente pela leitura, mas em todo o processo de produção, criação e divulgação da palavra impressa. A forma intensa como ele leu os simbolistas, os “pitagóricos” e os autores locais demonstram uma profunda dedicação a este universo. Como personagem exemplar do apego que seu tempo atribuía ao livro, Vellozo penetrou mais do que a maioria de seus contemporâneos nesse universo, carregando no processo algumas dezenas de seguidores mais empenhados. Seu envolvimento com a leitura e o mundo do livro foi a chave para seu reconhecimento naquela sociedade, que inicialmente fechou-se provincianamente a ele, mas que elevou-o ao patamar de um de seus maiores expoentes intelectuais.

\*\*\*\*\*

Vellozo foi um exemplo extremo desse envolvimento com o mundo da leitura, mas de forma alguma esteve sozinho. Sua dedicação aos livros encontrou eco em um meio bastante fecundo, onde a palavra impressa marcava o comprometimento com idéias de nação, pátria, civilização, arte, ciência, etc.

Contudo, a diversidade da leitura depende imensamente do que é oferecido aos leitores nos locais instituídos em função da própria leitura. A reconstituição desses locais, em sua variedade, diversidade de fins, origens e conteúdo, pode ser vista através do estudo do comércio e da circulação de livros na Província, depois Estado, do Paraná.

Ao tentar compreender os processos de circulação de livros (e idéias) na sociedade paranaense do final do século XIX e início do XX, o objetivo é permitir um amplo acesso à leitura, desde os mais simples

<sup>41</sup> encômio: Louvor, elogio, gabo.

<sup>42</sup> **Luz de Krotona I** (1). Curitiba, mar./1921, p.50-51.

contatos com a palavra escrita, até as leituras realizadas criteriosamente como parte da formação intelectual ou profissional dos leitores. Também busca-se acesso aos quadros culturais mais específicos que permitiam àquela sociedade estabelecer padrões sociais voltados à divulgação e venda de livros, revistas e jornais, montando-se a tessitura da história da leitura e percorrendo aqueles mesmos caminhos que marcaram a vida e a obra de Dario Vellozo e seus contemporâneos, ao mesmo tempo que essa vida e obra têm uma influência bastante marcante na produção historiográfica sobre o período.

O já citado trabalho de Marcos Cordioli, por exemplo, tenta recuperar o universo particular de Vellozo e suas idéias<sup>43</sup>. Outro exemplo é a dissertação de Décio R. Szvarça sobre a produção histórica de Romário Martins em seus diversos aspectos, como por exemplo, a forma como Martins funda a história regional do Paraná, tematizando-a “enquanto história de toda uma comunidade e suas relações com o meio” e estudada por Szvarça como uma história mítica. Szvarça parte da obra historicista de Romário Martins para compreender o próprio universo intelectual do autor que permitiu-lhe tornar-se um dos fundadores de uma “mitologia” original para o Paraná<sup>44</sup>. Podemos citar, em perspectiva semelhante, primeiro, o texto de Pedro do Rosário Neto, no qual ele explora as inúmeras representações sobre o “drama da fazenda Fortaleza”, uma história de amor e ódio do Paraná setecentista, recuperada nos anos iniciais deste século por David Carneiro, em uma perspectiva positivista. Rosário Neto recupera os acontecimentos da fazenda Fortaleza da forma em que foram representados por Auguste de Saint-Hilaire em seu relato de viagem pelo Paraná, por Theodor de Bona na pintura e por David Carneiro na literatura e em seus artigos históricos sobre o assunto, para tentar apreender as idéias de Carneiro sobre os “limites que deveriam existir entre a história e a ficção; entre a realidade e a representação”<sup>45</sup> - e sobre um mito fundador da história do Paraná. Segundo, o trabalho de Marcos A. Cordioli, no qual ele busca compreender o universo intelectual da Curitiba do início do século em torno do pensamento de Dario Vellozo, fundamentado na tríade “Mistério-Ciência-Arte”, e que pregava uma “ ‘Missão Civilizadora’: pela fé, pela liberdade de consciência, pela justiça, pela família, pela

---

<sup>43</sup> CORDIOLI, Nos descaminhos...

<sup>44</sup> SZVARÇA, Décio Roberto. *O forjador*; ruínas de um mito. Romário Martins (1893-1944). Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998, p. 6.

<sup>45</sup> ROSARIO NETO, Pedro. O jogo das representações em torno do drama da fazenda Fortaleza. *História: Questões e Debates*, Curitiba, 11(20-21): 103-212, jun.,dez. 1990.p. 107.

fraternização humana”. Pensamento e ensinamentos estes que serviram de guia e inspiração para um grande número de jovens intelectuais paranaenses da virada do século, em sua maior parte discípulos, no sentido pleno da palavra, do professor Dario Vellozo<sup>46</sup>. Além desses, o estudo de Etelvina Trindade sobre a educação e a atuação intelectual feminina, e o de Cynthia Roncaglio sobre as matrizes do pensamento feminista local também ajudam a elucidar parte desses processos, especificamente no campo da história das mulheres<sup>47</sup>. Abordando também a efervescência intelectual do período, o trabalho de Elizabete Berberi sobre os cronistas curitibanos e suas relações com a modernidade fornece algumas pistas para a compreensão da riqueza de idéias em torno das quais a produção literária se desenvolvia<sup>48</sup>. Citemos ainda, como complemento, o estudo de Marise Manoel sobre a obra de Emílio de Meneses em seu caráter satírico; o de Tatiana Marchette, sobre o anticlericalismo paranaense, com uma certa ênfase sobre Euclides Bandeira e o de Luís Fernando Lopes Pereira, sobre a construção de uma identidade paranaense por vias intelectuais, caracterizadas no movimento paranista<sup>49</sup>.

Assim, podemos estudar essa sociedade através de sua ênfase no universo da leitura e da palavra impressa, entendendo que Vellozo se inseria em uma comunidade devotada a este universo. Sua devoção aos livros expressa visões de mundo em torno das quais se aglutinavam seus amigos, alunos e leitores.

---

<sup>46</sup> CORDIOLLI, O Olhar de um ponto diverso; ... /. ver também: CORDIOLLI, **Nos descaminhos ...**

<sup>47</sup> TRINDADE, Etelvina. **Clotildes ou Marias**; mulheres de Curitiba na Primeira República. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1996; RONCAGLIO, Cynthia. **Pedidos e recusas**; mulheres, espaço público e cidadania. Curitiba: Pinha, 1996.

<sup>48</sup> BERBERI, Elizabete. **Impressões**; a modernidade através das crônicas no início do século em Curitiba. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

<sup>49</sup> MANOEL, Marise. **A poesia-mídia**; abordagem discursiva da sátira em Emílio de Menezes. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998; MARCHETTE, Tatiana Dantas. **Corvos nos galhos das acácias**; anticlericalismo e clericalização em Curitiba - (1896-1912). Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999; PEREIRA, Luiz Fernando Lopes. **Paranismo - o Paraná inventado**; cultura e imaginário no Paraná da I República. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERBERI, Elizabete. **Impressões**; a modernidade através das crônicas no início do século em Curitiba. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.
- CORDIOLLI, Marcos A. **Nos descaminhos de um idílio**. Curitiba: s./ed., s./d. (mimeo).
- \_\_\_\_\_. O Olhar de um ponto diverso; as gêneses de um idílio: a trajetória de Dario Vellozo. **Boletim do Departamento de História**. Série Monografias 01; Mar./1989. / Projeto: "O viver em uma sociedade urbana - Curitiba, 1890-1920/.
- DENIPOTI, Cláudio. **Páginas de prazer**; a sexualidade através da leitura no início do século. Campinas: Unicamp, 1999.
- DICIONÁRIO Histórico Biográfico do Estado do Paraná**. Curitiba: Livraria Editora do Chain, 1991.
- MACEDO, Joaquim Manuel. **O Moço loiro**. São Paulo: Melhoramentos, s./d.
- MANOEL, Marise. **A poesia-mídia**; abordagem discursiva da sátira em Emílio de Menezes. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.
- MARCHETTE, Tatiana Dantas. **Corvos nos galhos das acácias**; anticlericalismo e clericalização em Curitiba - (1896-1912). Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.
- PEREIRA, Luís Fernando Lopes. **Paranismo - o Paraná inventado**; cultura e imaginário no Paraná da I República. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997.
- PILOTTO, Erasmo. **Dario Vellozo**; cronologia. Curitiba: Imprimax, 1969.
- RONCAGLIO, Cynthia. **Pedidos e recusas**; mulheres, espaço público e cidadania. Curitiba: Pinha, 1996.
- ROSÁRIO NETO, Pedro. O jogo das representações em torno do drama da fazenda Fortaleza. **História: Questões e Debates**, Curitiba, 11(20-21): 103-212, jun.,dez. 1990.
- SILVEIRA, Tasso da. **Dario Vellozo**; perfil espiritual. Rio de Janeiro, s./ed., 1921.
- SZVARÇA, Décio Roberto. **O forjador**; ruínas de um mito. Romário Martins (1893-1944). Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.
- TRINDADE, Etelvina. **Clotildes ou Marias**; mulheres de Curitiba na Primeira República. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1996.

**Obras de Dario Vellozo**

<b>Título</b>	<b>Local</b>	<b>Editora</b>	<b>Ano</b>
<i>Primeiros Ensaios (contos)</i>			1889
<i>Ephemeras (versos)</i>			1890
<i>Esquifês</i>	Curitiba	Impressora Paranaense	1896
<i>Alma Penitente (poema)</i>			1897
<i>Althair (conto)</i>			1898
<i>Esothericas (versos)</i>	Curitiba		1900
<i>12 de outubro; ensino Civico</i>	Curitiba	Impressora Paranaense	1901
<i>Teatro de Wagner - San Peladan</i>	Curitiba	Impressora Paranaense	1901
<i>Licções de Historia</i>			1902
<i>Licções de Historia - 2ª ed.</i>	Curitiba	Impressora Paranaense	1904
<i>Derrocada Ultramontana</i>	Curitiba	Impressora Paranaense	1905
<i>No Solio do Amanhan (romance)</i>			1905
<i>Voltaire (polêmica e crítica)</i>			1905
<i>Compendio de Pedagogia</i>	Curitiba	Livraria Mundial	1907
<i>Helicon (versos)</i>			1908
<i>Moral dos Jesuítas</i>			1908
<i>Templo Maçonico</i>	Curitiba		1909
<i>Pelo Aborígene, em colaboração com Julio Pernetta.</i>			1911
<i>Ramo de Ouro</i>			1911
<i>Rudel (poema)</i>			1912
<i>A Cabana Fellah (conto)</i>			1915
<i>Da Therapeutica Occulta</i>			1915
<i>Da tribuna e da imprensa</i>	Curitiba	Ed. do Myrto e Acacia	1915
<i>Do Retiro Saudoso</i>			1915
<i>Pour l'Humanité</i>			1916
<i>Mansão dos amigos (conto)</i>			1918
<i>Licções de Historia - 3ª ed.</i>	Curitiba		1919
<i>O habitat e a integridade nacional (these ao 6. Congresso de Geographia em Bello Horizonte).</i>			1919
<i>Compendio de Pedagogia (2. ed.)</i>			1920
<i>Livro de Alyn.</i>			1920
<i>Licções de Historia - 4ª ed.</i>	Curitiba	Empreza Graphica Paranaense	1943
<i>Licções de Historia - 5ª ed.</i>	Curitiba	Empreza Graphica Paranaense	1944
<i>Licções de Historia - 6ª ed.</i>	Curitiba	Editora Guaíra	1948
<i>Licções de Historia - 7ª ed.</i>	Curitiba	Editora Guaíra	1949

## RESUMO

**Um homem no mundo do livro e da leitura**

Falamos de leituras no passado implica pensarmos como o universo da leitura afetou vidas e ações humanas de diversas formas. Embora a experiência da leitura seja, hoje, crivada de aspectos relacionados à tecnologia, no passado, quando o texto impresso era a forma convencional de transmissão de conhecimento erudito, a inserção neste universo poderia pautar – e pautou – a vida de diversos indivíduos. Este texto procura verificar uma dessas vidas de acordo com sua inserção nas práticas de leitura.

**Palavras-Chave:** História da leitura; História do Brasil República

## ABSTRACT

**A man in the book and reading world**

To study readings in the past implicates in thinking how the reading processes influenced human lives and actions in several ways. Although the reading experience is, today, filled with technological aspects, in the past, when the printed word was the conventional knowledge transmission media, the insertion in this universe could – and did – guide people's lives. This text tries to access one of these lives according to its relations to reading practices.

**Key Words:** Reading History; History of Brazil.

